

CONSTRUÇÕES TRUNCADAS NO PORTUGUES DO BRASIL: DAS ABORDAGENS TRADICIONAIS À ANÁLISE POR RANKING DE RESTRIÇÕES

Carlos Alexandre GONÇALVES
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - CNPq

1. Introdução

No português do Brasil, vem sendo cada vez mais frequente o emprego de formações truncadas (*gurja*, por gorjeta, *granfa*, por grã-fino, e *confa*, por confiança) para sinalizar uma atitude subjetiva do falante em relação ao enunciado, ao referente ou ao interlocutor. Visto dessa maneira, o truncamento¹ pode ser concebido como recurso morfológico de natureza expressiva, estando relacionado, portanto, à chamada modalização apreciativa (LOURES, 2000), através da qual o locutor imprime sua marca ao enunciado, inscrevendo-se, explícita ou implicitamente, na mensagem.

Como não há distanciamento de significado entre a parte (a forma reduzida) e o todo (o item derivante), pode-se dizer que o truncamento não apresenta função denominadora, nos termos de Basílio (1987). De fato, formas como *salafra* (por salafrário), *odonto* (por odontologia) e *refri* (por refrigerante) não têm por finalidade a nomeação e/ou a caracterização de seres, eventos ou estados. Tais construções têm a função de adequar a ideia contida no item lexical “às necessidades de utilização daquela ideia – ou daquele item – para a formação de um tipo específico de enunciado” (BASÍLIO, 1987, p. 66). Quando envolvem a adjunção da vogal -a, como em *sapa* (por sapatão) e *vagaba* (por

¹ Redução vocabular (ALVES, 1990), abreviação (SANDMANN, 1990), braquissemia (MONTEIRO, 1987) e retro-formação (SÂNDALO, 2001) são algumas das variações terminológicas usadas para descrever esse processo de formação de palavras que, ao contrário da prefixação e da sufixação, consiste na diminuição do corpo fônico da palavra derivante.

vagabunda), as formações truncadas quase sempre são responsáveis pela expressão do pejorativo (SANTOS, 2002; FROTA, 1985) e revelam o ponto de vista do falante sobre o que diz, chamando atenção de seu interlocutor para algo avaliado negativamente.

Em Gonçalves (1999a), construções truncadas foram analisadas a partir de suas condições de produção, nos termos de Kastovsky (1986) e Basílio (1990), entre outros. Dependentes de fatores discursivo-pragmáticos, formas como *cerva* (por cerveja) e *analfa* (por analfabeto) são mais comuns na modalidade coloquial distensa, sendo empregadas principalmente por falantes de faixa etária mais jovem (adolescentes)². Esses dados revelam que o truncamento apresenta função indexical (GONÇALVES, 1997), uma vez que essa operação parece estar circunscrita à fala de determinados grupos, permitindo, portanto, traçar um perfil sociolinguístico dos usuários que a empregam.

Neste trabalho, ao contrário de Gonçalves (1999a) e de Santos (2002), procuro observar se há algum tipo de regularidade na estruturação de palavras truncadas, consideradas, na grande maioria das vezes, construções idiossincráticas (SANDMANN, 1990), não-suscetíveis de formalização (LAROCA, 1994) ou mesmo um processo marginal de formação de palavras (ALVES, 1990) bastante limitado (CARONE, 2004). Ao privilegiar a estruturação morfofonológica de truncamentos, pretendemos descrever e analisar (1) a relação entre o fenômeno e outros processos de redução vocabular em português, como a derivação regressiva e a abreviação; (2) as principais estratégias de que se serve a língua para truncar palavras; e (3) a interação de restritores de fidelidade e marcação na emergência tanto de formas já consagradas pelo uso, como *frila* (por *free lancer*),

² No trabalho de Gonçalves (1999a), analisaram-se cerca de 50 (cinquenta) formações truncadas, rastreadas a partir de entrevistas da Amostra Censo de Variação Linguística (NARO, 1986) e de jornais de grande circulação no Estado do Rio de Janeiro (*O Globo*, *O Povo do Rio* e *O Dia*), entre os dias 20 e 24 de setembro de 1999. De uso bastante generalizado na língua oral, sobretudo nos informantes mais jovens da Amostra Censo, na língua escrita tais formas são frequentes nas seções dos jornais mais voltadas ao público adolescente, como o *Caderno Teen* do JB, e os cadernos de esportes.

quanto de palavras utilizadas em uma amostra de controle e testadas com um grupo de doze informantes.

Uma investigação mais sistemática sobre a estrutura do truncamento requer enfoque a partir da relação entre os componentes morfológico e fonológico. No nosso entendimento, o processo responsável pela criação dessas formas encurtadas interage com as estruturas prosódicas: categorias como pé, sílaba e palavra fonológica se tornam de importância capital na tentativa de sistematizar a operação morfológica. Em outras palavras, a morfologia necessita de informações fonológicas e, por isso, tende a checar a estruturação prosódica do item que serve de *input* à formação.

Com o propósito de investigar a estrutura do truncamento, utilizamos a Teoria da Otimalidade (PRINCE e SMOLENSKY, 1993; McCARTHY e PRINCE, 1993, entre outros) – modelo não-derivacional que prevê um conjunto de restrições universais violáveis e hierarquizáveis. Por isso, o principal objetivo do trabalho é fornecer uma análise para o truncamento, conferindo especial relevo não às regras, mas às restrições, que, no âmbito da Teoria da Otimalidade (doravante OT, sigla referente à expressão inglesa *Optimality Theory*), constituem reflexos de condições universais de boa-formação sobre representações linguísticas.

Para estabelecer o inventário de restrições atuantes no truncamento, primeiramente descrevemos o fenômeno à luz de teorias morfológicas não-aglutinativas (SPENCER, 1991), que analisam processos como a infixação e o *ablaut* a partir dos avanços no campo da fonologia não-linear. Nesse sentido, o fenômeno será abordado primeiramente com base nos instrumentos da Morfologia Prosódica (McCARTHY, 1986), recorrendo-se, para tanto, às noções de (a) molde, (b) circunscrição e (c) alinhamento. A seguir, propomos uma análise baseada em restrições, observando a hierarquia necessária à emergência de formas ótimas de truncamento.

Os dados que sustentam empiricamente a proposta foram rastreados a partir de quatro *corpora*, fundamentalmente: (a) jornais e revistas de grande circulação nacional (*O Globo*, *JB*,

Isto é e Veja), nas diversas seções – esportes, política, coluna social e economia, entre outras; (b) inquéritos do Projeto DG (Discurso e Gramática), sediado na Faculdade de Letras da UFRJ (sala H-314)³; (c) palavras ouvidas em diferentes situações de uso e em diversos tipos de discurso; e (d) dicionários eletrônicos de língua portuguesa, como o Aurélio (FERREIRA, 2002) e o Houaiss (HOUAISS, 2003). No período de março de 2001 a agosto de 2006, foram rastreadas cerca de 200 formações e é com base nelas que a presente análise será desenvolvida⁴.

O texto se estrutura da seguinte maneira: em primeiro lugar, apresentamos os vários padrões de truncamento existentes no português brasileiro para, a seguir, restringindo-nos à análise de um deles (*proleta, reça, cervá*), diferenciar o fenômeno de outros processos morfológicos subtrativos da língua. Logo após, descrevemos o truncamento com base na Morfologia Prosódica e, por fim, à luz da OT.

2. Padrões de truncamento no português brasileiro

A observação dos dados que constituem o *corpus* deste trabalho leva à distribuição das formas truncadas por três principais grupos de formação. Na falta de uma nomenclatura mais apropriada, tais grupos serão referenciados aqui, como feito em Santos (2002) e em Gonçalves e Vazquez (2004), genericamente por A, B e C.

O truncamento tipo A é caracterizado pela eliminação de uma base quase sempre presa. A parte que sobra após a redução,

³ Os seguintes aspectos foram levados em conta na opção pelo Projeto DG: (a) de todos os acervos de fala disponíveis na Faculdade de Letras da UFRJ, o DG é o mais recente, com entrevistas realizadas nas décadas de oitenta e noventa; (b) trata-se de um *corpus* mais espontâneo que os demais (Amostra Censo e NURC/RJ); e, por fim, (c) contempla amostras de língua oral e língua escrita.

⁴ Participaram da recolha dos dados vários jovens pesquisadores, bolsistas de iniciação científica ou colaboradores, a quem agradeço a contribuição: Renato Pazon Vazquez, Carolina Rodrigues Vieira, Zaira Mahmud e, sobretudo, Ana Paula Victoriano Belchor.

que sempre contém informação morfológica (equivale a um prefixo ou a um radical preso), veicula o significado do todo, num claro processo de metonímia (a parte pelo todo). Os dados aparecem em (01), a seguir:

- | | | | |
|------|--|--|--|
| (01) | cardiologista–cardio
fonoaudiólogo – fono | odontologia–odonto
eletrodoméstico – eletro | gastrologista – gastro
psicologia – psico |
| | micro-computador – micro
ex-marido – ex | micro-empresa – micro
pós-graduação – pós | micro-ondas – micro
pré-vestibular – pré |

Nesse sistema de truncamento, preserva-se sempre o elemento à esquerda, caracterizado como determinante da construção morfológicamente complexa. Em outras palavras, esse padrão não aproveita a cabeça lexical da forma composta (**odontologia**) ou prefixada (**pré-vestibular**), que, no entanto, determina o gênero do produto. Dessa maneira, pós-, apesar de não se especificar quanto ao gênero, já que é um prefixo, passa a ser categorizado como feminino após o processo, adquirindo *status* de forma livre e, conseqüentemente, de palavra, como se observa nos seguintes exemplos prototípicos:

- (02) Fulano conseguiu passar para *a pós* em Linguística.
Depois de muito tempo, consegui comprar *meu micro* e estou viciado na net.
Com o empréstimo que o banco me fez, montei *uma pequena micro*.
Beltrano está fazendo *o pré*. Espero que dessa vez ele passe no vestibular.

Alguns truncamentos desse grupo podem levar à identificação de mais de uma base, a exemplo do que ocorre com micro-, redução de pelo menos três formas morfológicamente complexas, como se vê nos exemplos da terceira linha de (01). Em síntese, o tipo A de truncamento preserva a integridade morfológica do derivante, uma vez que encurta a forma de base sempre considerando um morfema – ou um radical preso, como em *fono*, ou um prefixo acidentalmente autônomo, como em *pré*.

Do ponto de vista expressivo, tais truncamentos são neutros, não apresentando, portanto, o que Basílio (1987) chama de função discursiva dos processos de formação de palavras. Tal fato faz com que as formas em (01) apareçam tanto nas amostras de língua escrita quanto nos *corpora* de língua oral controlados. Por isso, podemos afirmar que esse grupo não tem sua produtividade determinada por condições específicas de produção (GONÇALVES, 1999b; SANTOS, 2002).

O truncamento do tipo B é caracterizado (i) pela supressão de uma sequência fônica que pode ou não equivaler a um sufixo e (ii) pela adjunção sistemática da vogal -a, classificada, por isso mesmo, como morfema de truncamento (GONÇALVES, 1999a; SANTOS, 2002; GONÇALVES e VAZQUEZ, 2004). Os dados aparecem em (03), abaixo:

(03)	português – portuga	delegado – delega	baterista – batera
	salafário – salafra	proletário – proleta	comunista – comuna
	vestibular – vestiba	cocaína – coca	Maracanã – Maraca
	cerveja – cervá	vagabunda – vagaba	grã-fino – granfa
	São Paulo – Sampa	mal-criado – malcra	free-lancer – frila

Observando os dados em (03), pode-se pensar, em princípio, num mecanismo parecido com o que acontece no tipo A – preserva-se a integridade morfológica das palavras-matrizes, separando-se a base do afixo, e, após a retirada do sufixo, acrescenta-se a vogal -a, que se alinha à direita da base, como se vê no esquema a seguir:

(04)

palavra-base	análise morfológica	sufixo retirado	sobra	elemento a alinhar	resultado
português	portugu + ês	-ês	portug	-a	portuga
proletário	prolet + ário	-ário	prolet	-a	proleta
baterista	bater + ista	-ista	bater	-a	batera
delegado	deleg + ado	-ado	deleg	-a	delega

A análise apresentada em (04) certamente dá conta de grande parte dos dados de nosso *corpus*, já que cerca de 40% das palavras-matrizes apresenta estruturação morfológica do tipo

[[base] + {sufixo}]]. No entanto, essa proposta deixa de acomodar inúmeras formações, como, por exemplo, *vestibular* e *cerveja*, que, por serem monomorfêmicas, não apresentam sufixo. Então, o que há de comum entre as formas que constituem o que vimos chamando de truncamento do tipo B?

As formações que compõem o segundo e mais produtivo grupo de truncamento têm em comum não só o acréscimo sistemático da vogal -a, como também o acento: são todas paroxítonas. Além disso, o comprimento dessas palavras constitui outro fator de unificação, pois nenhuma delas apresenta menos de duas e mais de três sílabas.

Perceba-se, nos dados em (03), que a porção extraída apresenta estrutura fonológica equivalente à da grande maioria dos sufixos da língua: uma sequência dissilábica em que a primeira sílaba não apresenta o constituinte *onset*, como, entre outros, -ista, -ário, -eiro, -ense, -ice, -inho e -ano. Embora as sequências retiradas não portem informação morfológica, estruturalmente equivalem a sufixos, como se vê na representação a seguir:

(05)

palavra-base	parte retirada	sobra	elemento a alinhar	resultado
vestibular	-ular	vestib	-a	vestiba
cerveja	-eja	cerv	-a	cerva
gorjeta	-eta	gorj	-a	gurja
manteiga	-eiga	mant	-a	manta

Nesse padrão de truncamento, as bases são predominantemente monomorfêmicas (*vestibula* > *vestiba*; *travesti* > *trava*) ou derivadas por sufixação (*neurose* > *neura*; *madrugada* > *madruga*). Integram o grupo quatro compostos que, por se realizarem foneticamente numa única palavra prosódica, apresentam comportamento semelhante ao de formas não-compostas, como se vê no quadro abaixo:

(06)

palavra-base	parte retirada	sobra	elemento a alinhar	resultado
grã-fino	-ino	grã-f	-a	granfa
free-lancer	-ancer	free-l	-a	frila
São Paulo	-aulo	Sam P	-a	sampa
mal-criado	-iado	mal-cr	-a	malcra

Do ponto de vista expressivo, tais truncamentos quase sempre são marcados, uma vez que a maioria tem “caráter depreciativo, afetivo ou de deboche” (SANTOS, 2002, p.31), sendo utilizada em estilos menos formais ou em situações de fala que “pressupõem maior grau de intimidade entre os interactantes, predominantemente adolescentes” (SANTOS, 2002, p. 33). De fato, formas como *sapa*, *vagaba* e *delega* são extremamente pejorativas, revelando o ponto de vista do falante sobre o que diz. Sem dúvida alguma, as formações desse grupo, ao contrário das do primeiro, são mais restritas à fala, aparecendo, na mídia escrita, basicamente (a) em sessões destinadas ao público jovem (*Caderno Teen*, do JB), (b) nas colunas de esportes e (c) em textos assinados, sobretudo por Agamenon Mendes Pedreira, do *Jornal O Globo*.

O truncamento tipo C é caracterizado apenas pela retirada de parte do corpo fônico do derivante. Não existe morfema pré-estabelecido de truncamento, uma vez que não se acrescenta qualquer segmento à forma encurtada, como se vê nos dados abaixo:

(07) refrigerante – refri prejuízo – preju profissional – profi
 visual – visu bijuteria – biju paraíba – pará
 exposição – expô depressão – deprê tatuagem – tatu
 razoável – razu mocréia – mocré social – soci

Nesse tipo de truncamento, a acentuação é sempre oxítone e o produto, conseqüentemente, atemático. Nos dados em (07), percebe-se que a vogal acentuada no truncamento faz parte da base e pode se localizar na sílaba acentuada secundariamente, como é o caso de refrigerante e profissional, ou não, como em

tatuagem e social⁵. Esses truncamentos não são depreciativos⁶, mas, como os do tipo B, são interditados em alguns tipos de contextos interacionais, aparecendo raras vezes nas amostras de língua escrita controladas.

No presente trabalho, vamos nos concentrar no truncamento do tipo B (*salaфра, cervá*), já que esse padrão, além de ser o mais produtivo na língua, possibilita um confronto mais sistemático com outros processos subtrativos de formação de palavras, como a derivação regressiva. Ressalte-se, ainda, que análises otimalistas sobre os tipos A e C são desenvolvidas em Belchor (2006) e Belchor (2009)⁷.

3. Truncamento e derivação regressiva

O truncamento tipo B se assemelha à derivação regressiva, uma vez que os dois fenômenos se caracterizam pela retirada de segmentos fônicos de uma forma de *input*, acrescentando-se, após a eliminação da sequência, uma vogal átona final. De fato, as formações abaixo listadas apresentam comportamento parecido com o que caracteriza o truncamento tipo B:

(08)	desmamar – desmame	embarcar – embarque	atacar – ataque
	Empregar – emprego	transtornar – transtorno	roubar – roubo
	esperar – espera	disputar – disputa	lutar – luta

⁵ Nos exemplos, a sílaba acentuada secundariamente foi sublinhada.

⁶ O único efetivamente depreciativo é *pará*, utilizado como referência genérica aos nascidos nas regiões norte e nordeste do país. A forma *mocré* também é pejorativa, mas a palavra de origem sem dúvida alguma já é marcada.

⁷ Um grupo de formas rastreadas foi descartado nesta descrição sobre o fenômeno: trata-se de palavras que apresentam a vogal final-o, a exemplo de *boteco, traveco, milico* e *silico*, consideradas, tanto no trabalho pioneiro de Santos (2002) quanto na descrição preliminar de Gonçalves (1999a), como formas simultaneamente truncadas e sufixadas. Observe-se que tais formações apresentam as sequências recorrentes -eco e -ico, sufixos pejorativos na língua. Além desses dados, também foram descartados vocábulos como *prof* e *trab*, que podem ser considerados casos de abreviação fortemente motivados pela língua escrita.

As semelhanças, no entanto, começam e terminam nesse aspecto, já que os fenômenos apresentam vários pontos de diferenciação. A ausência de função sintática (BASÍLIO, 1987) é o primeiro traço que distingue o truncamento da derivação regressiva. Sem dúvida, formas como *espera*, *embarque* e *roubo*, derivadas de ‘esperar’, ‘embarcar’ e ‘roubar’, respectivamente, alteram a especificação lexical da base, estando relacionadas, portanto, à função de adequação sintática dos processos de formação de palavras (ROCHA, 1998). No caso do truncamento, não há alteração categorial, funcionando a palavra assim formada como uma espécie de sinônimo da derivante, usada, na maioria das vezes, num estilo mais coloquial.

A supressão encontrada nos casos de derivação regressiva é sempre de uma sequência fônica tomada como afixo. Nas palavras de Basílio (1987, p.38), tem-se esse processo “quando uma palavra é interpretada como sendo uma construção base + afixo e então o afixo é retirado para se formar uma outra palavra, constituída da base acrescida da vogal temática (-a, -e ou -o)”. No truncamento, a porção suprimida nem sempre apresenta *status* morfológico: não necessariamente constitui desinência ou afixo. Por isso mesmo, truncamento e derivação regressiva, apesar de compartilharem, de uma forma ou de outra, a ideia de um *minus* morfema (NIDA, 1949)⁸, constituem realidades linguísticas distintas, devendo ser considerados diferentes processos de ampliação lexical. Adiciona-se a isso o fato de também a parte aproveitada no produto sempre equivaler a uma base, na derivação regressiva. Em *encontro*, *enfeite* e *fala*, preserva-se o radical da palavra derivante, ao contrário do que se observa em *vestiba* (por vestibular) e *manta* (por manteiga), entre outros, em que a forma utilizada no produto nem sempre equivale a um radical.

Em terceiro lugar, truncamentos, ao contrário de derivações regressivas, sempre criam sinônimos, já que a forma

⁸ Segundo Nida (1949, p.75), operações morfológicas que requerem subtração de formativos podem ser acolhidas com a noção de *minus* morfema (ou morfema subtrativo): uma espécie de “radical que, para a expressão de um dado traço gramatical, perde fonemas”.

truncada preserva o significado básico da forma plena, modificada apenas em termos discursivo-pragmáticos. As derivações regressivas criam novas unidades lexicais, haja vista que sua motivação básica é a nominalização de verbos, isto é, a transformação de eventos em entidades.

Outra diferença entre truncamento e derivação regressiva é a terminação do produto. De fato, é relativamente imprevisível a vogal que finaliza um derivado regressivo: verbos de mesma classe paradigmática apresentam regressivos com diferentes vogais, a exemplo do que ocorre com ‘falar’, ‘encaixar’ e ‘trabalhar’, cujas formas diminutas finalizam, nesta ordem, nas vogais -a, -e e -o. Tal imprevisibilidade levou alguns autores, como Gamarsky (1984) e Basílio (1980), a reconsiderar a direcionalidade do processo (em vez de verbos para nomes, de nomes para verbos), já que produtivamente só se formam verbos de 1^a conjugação. Nos truncamentos, a direcionalidade é inequívoca (do nome maior para o menor), sendo a vogal final sempre -a.

Levando em conta as diferenças apresentadas, pode-se formular a seguinte pergunta sobre duas formações encontradas no *corpus*: *transa* e *flagra* são truncamentos de ‘transação’ e ‘flagrante’, ou, na verdade, constituem derivações regressivas de ‘transar’ e ‘flagrar’, nesta ordem? Com base nos parâmetros diferenciais acima propostos, pode-se afirmar que *transa* não constitui truncamento de ‘transação’, sendo, na verdade, derivação regressiva do verbo ‘transar’. Em primeiro lugar, ‘transação’ e *transa* não são intercambiáveis semanticamente, como se vê nos exemplos em (09), a seguir. Além disso, ‘transa’ mantém a subcategorização estrita de ‘transar’, admitindo complementação nominal, como se observa em (10):

- (09) A transação transcorreu dentro dos limites da normalidade = negociação comercial
? A transa transcorreu dentro dos limites da normalidade = relação sexual
- (10) José transou com Maria.
A transa de José com Maria.

entre elas. Para tanto, faz-se necessário verificar se o truncamento tipo B é, de fato, processo regular de formação de palavras ou deve ser concebido como mecanismo *ad hoc* usado para expressar carga emocional variada, como preconiza a literatura. Em (13), são apresentados exemplos mais consagrados de truncamento, listados, inclusive, nos dicionários Aurélio (FERREIRA, 2002) e/ou Houaiss (HOUAISS, 2003):

- | | | | | |
|------|----------|--------|--------|--------|
| (13) | japa | sarja | analfa | reaça |
| | estranja | delega | china | Maraca |

Por não apresentar função denominadora, o truncamento pode ser considerado processo de reprodução da base, nos termos de McCarthy (1986): parte do item derivante é copiada para traduzir estados de espírito do falante em relação ao enunciado, ao referente ou ao interlocutor. Como a identidade entre o item derivante e a forma braquissemizada não é absoluta, em decorrência da presença de uma vogal final nem sempre existente na base, como, por exemplo, *estranja*, por ‘estrangeiro’, e *sarja*, por ‘sargento’, o truncamento pode ser considerado processo morfológico simultaneamente não-concatenativo (cópia) e concatenativo (acréscimo de vogal final), ainda de acordo com a proposta de McCarthy (1986). O segmento anexado à borda direita da forma truncada não apresenta *status* de marcador de gênero, devendo ser considerado, por sua recorrência, como marca formal do processo.

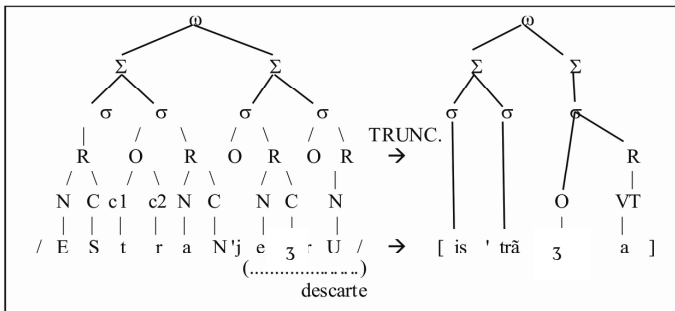
Os dados em (13) revelam que o truncamento requer acesso da morfologia a informações fonológicas, como sílaba, pé e palavra prosódica, daí resultando sua regularidade estrutural. Como o fenômeno opera de modo semelhante em nomes simples e em compostos que funcionam como unidade vocabular, do ponto de vista fonológico, pode-se propor a palavra prosódica como domínio do truncamento⁹. Construções como *granfa* e *Sampa*, originárias dos compostos ‘grã-fino’ e ‘São Paulo’, respectivamente, apresentam o mesmo comportamento de

⁹ Qualquer porção linguística subordinada a um só acento lexical pode ser considerada palavra prosódica, de acordo com Nespor e Vogel (1986).

palavras como *trava* e *vestiba*, formadas a partir dos nomes simples ‘travesti’ e ‘vestibular’, nesta ordem: copia-se parte do item derivante e se acrescenta, na borda direita da sequência mapeada, a vogal -a.

O pé é a unidade prosódica relevante na dissociação da parte do *input* desprezada para efeitos de cópia: forma-se um pé binário da direita para a esquerda, do qual será aproveitado somente o primeiro *onset*, que, alinhado à vogal final, constituirá a última sílaba da palavra braquissemizada. Nesse sentido, a representação subjacente do truncamento pode ser analisada como uma sequência de sílabas vazias: a última seria inteiramente dissociada e a penúltima teria sua rima descartada, sendo copiado somente o *onset* – seja ele simples, como em *maraca*, ou complexo, como em *salaфра*. Em termos de representação, teríamos o seguinte:

(14)



Como se pode perceber, essa análise preserva a ideia de que processos morfológicos não-concatenativos possuem representações subjacentes. Nesse sentido, as formações truncadas seriam caracterizadas por uma representação subespecificada¹⁰, que consiste na cópia de todo o material

¹⁰ Tal procedimento analítico, conforme McCarthy (1986), consiste em omitir informações na representação subjacente, preenchidas mais tarde, com o propósito de se obter a representação de superfície. Dessa maneira, a presença de uma estrutura prosódica não-preenchida engatilharia um processo automático que copiaria os segmentos da base.

fônico, da esquerda para a direita, até o *onset* do pé mais à direita do item derivante, incluindo ele.

Apesar de essa ser a operação mais geral envolvida nos casos de truncamento tipo B, existem padrões variáveis, que, no nosso entendimento, são determinados pelo grau de interação das restrições que atuam no fenômeno. Dessa maneira, a variação estrutural é resultante do próprio *ranking* de demandas e, por isso, o comportamento divergente de determinadas construções truncadas pode ser atribuído à satisfação de uma restrição mais alta na hierarquia. Por exemplo, em *confa*, formado a partir de ‘confiança’, não são copiados os segmentos que imediatamente precedem o pé binário mais à direita da palavra. Ao contrário, esse pé é inteiramente dissociado. Uma possível explicação para essa anomalia é a não-existência de *onset* na penúltima sílaba (<an>), o que leva a entender que a última sílaba da forma truncada deve necessariamente apresentar esse constituinte. Dessa maneira, a restrição à existência de *onset* na última sílaba do item braquissemizado parece ocupar, na hierarquia, lugar mais alto que a restrição que governa os elementos copiados do item derivante. A mesma explicação vale para *pinda* (de pindaíba) e *malcra* (de mal-criado).

Como se vê, uma análise mais sistemática sobre o fenômeno desmistifica a ideia de que a parte suprimida é imprevisível (SANDMANN, 1990): as aparentes idiosincrasias derivam da melhor satisfação a restritores bem cotados na hierarquia, o que pode sacrificar, em maior ou menor proporção, a identidade do item derivante com sua cópia. Em outras palavras, a regularidade desse tipo de truncamento deve ser buscada na interação prosódia-morfologia e, por isso mesmo, esse fenômeno difere de outros processos de redução vocabular, como a derivação regressiva, cuja diminuição no corpo fônico do derivante depende unicamente de informações morfológicas.

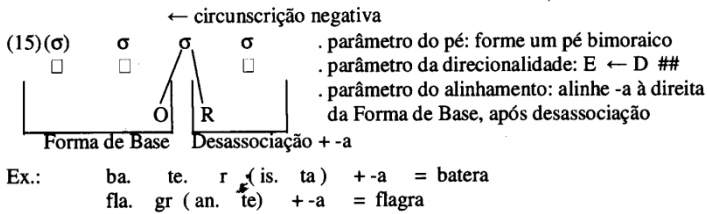
Adotando-se um enfoque morfoprosódico, o truncamento pode ser descrito do mesmo modo que a hipocorização¹¹, a partir

¹¹ Processo não-concatenativo do português que consiste no encurtamento de um antropônimo, a exemplo de *Chico*, *Xande*, *Lena* e *Lilo*, hipocorísticos, nesta ordem, de ‘Francisco’, ‘Alexandre’, ‘Marilena’ e ‘Murilo’. De acordo

de procedimentos como o molde e a circunscrição prosódica (GONÇALVES, 2004). Ao contrário do que ocorre na formação de hipocorísticos, a circunscrição – procedimento analítico que rastreia, como um *scanner*, uma porção fonológica da forma de base – mapeia uma sequência que não aparecerá na forma truncada, sendo caracterizada, portanto, como negativa.

Na maioria dos casos, forma-se um pé binário, da esquerda para a direita, do qual será aproveitado somente o primeiro *onset*, que, alinhado à vogal -a, constituirá a última sílaba da palavra braquissesimizada. Uma vez que a circunscrição é negativa, o conteúdo segmental fora do domínio é o que será efetivamente aproveitado no truncamento.

(15)

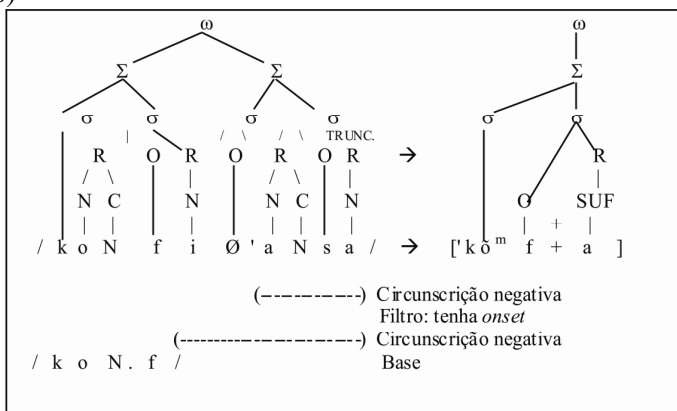


A noção de ‘palavra não-marcada’ (ou mínima) não pode ser aplicada com sucesso à análise do truncamento, uma vez que o produto nem sempre apresenta a mesma configuração prosódica. Nomes truncados podem ser constituídos de duas (*japa*) ou três sílabas (*batera*). Dessa maneira, truncamentos são minimamente dissilábicos e maximamente trissilábicos. O tamanho do nome truncado depende, fundamentalmente, (a) do comprimento do derivante e (b) da existência de *onset* na penúltima sílaba da palavra-matriz. Caso a penúltima sílaba da forma de base apresente apenas o constituinte rima, a circunscrição avança para a esquerda, de modo a encontrar a

com Gonçalves (2004), Lima (2005) e Thami da Silva (2005), hipocorísticos constituem formas mínimas na língua, uma vez que são maximamente dissilábicos e minimamente bimoraicos.

sílaba mais próxima desse constituinte. Em ‘confiança’, por exemplo, a sílaba candidata à concatenação com o sufixo de truncamento (<an>) não apresenta *onset*. Por esse motivo, as duas últimas sílabas e a rima da antepenúltima são circunscritas negativas, originando o truncamento *confa*. Veja-se a representação:

(16)



No truncamento, não há, como na hipocorização (GONÇALVES, 2005), fidelidade à cabeça de palavra prosódica, pois esse fenômeno ignora a pauta acentual da palavra-matriz, atuando de modo semelhante em (a) oxítonas (‘japonês’) e (b) paroxítonas – terminem elas em vogal (‘baterista’) ou em ditongo crescente (‘proletário’).

5. O truncamento e a Teoria da Correspondência

Nesta seção, apresentamos uma análise otimalista do tipo B de truncamento e, para tanto, utilizamos a chamada Teoria da Correspondência (TC), cujos principais expoentes são McCarthy e Prince (1995) e Benua (1995). Antes de proceder à análise, convém situar a TC no âmbito do paradigma otimalista.

Operações morfológicas frequentemente levam a modificações no conteúdo material de raízes e afixos, tendo em vista que o encadeamento pode gerar acréscimos, alterações ou apagamentos nas realizações de superfície. Dessa forma, violações de fidelidade são comuns no componente morfológico, uma vez que a ligação de formativos, obedecendo a restrições estruturais, preserva os padrões silábicos e acentuais da língua.

Sem conteúdo segmental subjacente, processos não-concatenativos são ainda mais especiais fonologicamente. Nesse tipo de operação, violações de fidelidade não necessariamente se justificam por pressões de natureza fonotática, uma vez que mudanças nas formas de base levam à expressão de um significado, sinalizando a existência de um morfema. Processos não-concatenativos promovem alterações fonológicas condicionadas morfológicamente e, dessa maneira, diferem da alomorfia – uma variação formal motivada, fonologicamente, pela adjunção linear de formativos.

Como operações não-concatenativas são diferentes em forma e em função, as relações de identidade não podem atuar como nos processos puramente fonológicos ou nas realizações alomórficas: a identidade deve ser checada não apenas entre uma forma de *input* e uma de *output*, mas entre *inputs* (palavra-matriz e morfema) e *outputs* ou mesmo entre *outputs* (base e produto de processos morfológicos).

A Teoria da Correspondência amplia a noção de fidelidade originalmente estabelecida em Prince e Smolensky (1993). Essa extensão é necessária simplesmente porque a morfologia é diferente: se, por um lado, acessa informações prosódicas e se sujeita a pressões fonotáticas, por outro, manifesta um conteúdo e, por isso mesmo, formas subjacentes nunca podem ser exatamente idênticas às de superfície. Por exemplo, os derivados *japa* e *vestiba* diferem dos derivantes ‘japonês’ e ‘vestibular’, nesta ordem, não porque uma restrição como NOCODA (codas não são permitidas) seja responsável pela eliminação de sílabas finais travadas, mas porque a redução é necessária para expressar o truncamento – processo que faz as formas encurtadas veicularem um conteúdo pragmático inexistente nas formas plenas.

Na proposta de Gonçalves (2004), MAX-IO (nenhum segmento do *input* deve ser apagado) é uma restrição categoricamente violada na hipocorização, ocupando lugar pouco privilegiado na hierarquia. Isso acontece porque não existe qualquer tipo de especificação segmental no *input*: não há marca morfológica associada ao morfema vazio de hipocorização. No truncamento, ao contrário, MAX-IO constitui restrição dominante, uma vez que -a, um sufixo, está presente no *input*. Candidatos sem esse constituinte morfológico cometem uma grave infração de fidelidade e, por isso mesmo, são sumariamente eliminados. Em outras palavras, formas sem -a não podem ser consideradas braquissêmicas, em decorrência de TRUNC, o morfema vazio de truncamento, alinhar-se à esquerda desse sufixo.

Há outras diferenças entre hipocorísticos e truncamentos, desta feita levando-se em conta a atuação dos restritores de palavra prosódica. Como todos os truncamentos são paroxítonos e não podem apresentar mais de três sílabas, TODO-PÉ(D) exerce pressão para que as formas reduzidas não apresentem mais de um pé. No entanto, ANALISE- σ , que milita contra a existência de sílabas não integradas a pés, tende a ser violada quando a palavra-matriz é polissilábica. Resultam dessa violação formas encurtadas com mais de duas sílabas, fazendo com que o truncamento não constitua processo de formação de palavras mínimas, como a hipocorização. Antes de apresentar a hierarquia completa, descrevemos, a seguir, as restrições necessárias à análise do padrão de truncamento descrito neste texto:

(a) Restritores de FIDELIDADE

MAX-IO (Maximilidade do *Input* para o *Output*).

Todos os segmentos do *input* aparecem no *output*.

MAX-BT (Maximilidade do Truncamento na Base).

Todos os segmentos da base aparecem no truncamento.

ANCOR-T, esq (ANCORe o Truncamento à esquerda). A esquerda do truncamento é ancorada na esquerda da palavra-base. Os segmentos iniciais

do truncamento correspondem aos segmentos iniciais da forma de base.

(b) Restritores de TAMANHO DE PALAVRA PROSÓDICA

TODO-PÉ (D). Pés são alinhados à direita da palavra prosódica; as margens direitas das categorias ‘pé’ e ‘palavra prosódica’ coincidem.

ANAL- σ (ANALise Sílabas). Todas as sílabas são analisadas; fazem parte de pés.

(c) Restritores de MARCAÇÃO

TROQ (TROQueu). Os pés são trocaicos, isto é, a cabeça de um pé dissilábico está à esquerda.

ONSET. Todas as posições de ataque silábico são preenchidas.

O *ranking* abaixo proposto assegura que truncamentos: (a) apresentem a vogal -a, já que ela consta do *input* e MAX-IO é o restritor mais importante da hierarquia; (b) sejam maximamente trissilábicos, pois TODO-PÉ(D) exige que nenhum pé deixe de ser alinhado, em sua margem direita, com a palavra prosódica correspondente; por isso, formas com quatro sílabas violam esse restritor, deixando um pé sem alinhamento na periferia direita; (c) tenham acentuação paroxítona, imposição determinada por TROQ, terceira restrição da hierarquia; e (d) coincidam, com suas formas de base, na periferia esquerda, uma vez que ANCOR, outro restritor bem cotado, milita em favor dessa correspondência.

Como essas quatro restrições são invioláveis, no *ranking* abaixo elas aparecem em igual nível de relevância (isto é, são separadas por uma vírgula). Logo a seguir, dominadas por essas quatro exigências (daí o símbolo >>), aparecem as restrições ONSET, MAX-BT e ANAL- σ , cujas violações são “suportáveis”, ou seja, candidatos ótimos podem vir à superfície mesmo não obedecendo às exigências por elas impostas:

(18) MAX-IO , TODO-PÉ(D) , TROQ , ALINH >> ONSET >> MAX-BT >> ANALISE- σ

Uma vez definidas as restrições e a hierarquização entre elas, a tarefa empírica passa a ser a confirmação desse *ranking*. No âmbito da OT, postulam-se várias formas possíveis de *output*, sendo a escolha da que de fato se realiza na língua determinada pela melhor satisfação à hierarquia. No *tableau* abaixo, mostramos os efeitos de EVAL – módulo da gramática universal responsável pela avaliação das formas candidatas – na seleção do truncamento de ‘vestibular’. Nesta e nas demais tabelas, o símbolo * marca uma violação a um restritor da hierarquia (quanto mais *, mais violação) e *! indica que a violação é fatal (elimina o candidato da disputa). Linhas sólidas representam hierarquização crucial e linhas pontilhadas, hierarquização parcial. O sombreado representa que as restrições seguintes são irrelevantes para o candidato, já eliminado por um restritor mais alto na hierarquia. Por fim, ☞ indica o candidato vencedor. Nas formas que se submetem à avaliação, os pés são delimitados por parênteses e as palavras prosódicas, por colchetes. Desse modo, sílabas que figuram fora de parênteses não se integram a pés, como acontece com as sílabas iniciais dos candidatos (b) e (d). Um acento sobre as vogais representa o segmento proeminente do pé.

(19)

Base: [(ves.ti).(bu.lar)]	MAX-IO	TODO-PE(D)	AN-COR	TROQ	ONSET	MAX-BT	AN- σ
Input: /TRUNC + a/							
a. [(vés.ti) (bú.lo)]	*!	*				a r	
b. [ves (tí.bo)]	*!					u l a r	ves
c. [(vés.ti) (bú.la)]		*!				r	
d. [ves (tí.ba)] ☞						u l a r	ves
e. [(vés.ta)]						i b u l a ! r	
f. [(tí.ba)]			*!			v e s	

Como se vê, a forma que melhor atende a MAX-BT, ‘vestibula’, não consegue passar pelo crivo de TODO-PÉ(D), haja vista apresentar dois pés trocaicos, estando o primeiro deles sem alinhamento com a margem direita da palavra prosódica. Os candidatos (a) e (b) são infiéis ao *input*, violando MAX-IO, por não apresentarem correspondentes para o sufixo -a, e também são excluídos da disputa. Apenas dois concorrentes permanecem no páreo, quando a sexta restrição avalia as formas: (d) e (e). Se ANALISE- σ fosse ranqueada acima de MAX-BT, como ocorre na hipocorização, a forma dissilábica seria a vencedora. No caso do truncamento, entretanto, ser mais fiel à base é mais importante que formar palavras mínimas. Por isso (d), o candidato que melhor satisfaz MAX-BT, acaba suplantando o principal oponente, (e), mesmo com o custo de apresentar uma sílaba desgarrada. Apesar de dominada, a restrição de fidelidade MAX-BT é de extrema relevância no fenômeno, pois é ela que vai propiciar a recuperação da base de uma palavra truncada.

Ao contrário da hipocorização, o truncamento procura maximizar a identidade entre forma plena e forma encurtada. Em decorrência, truncamentos tendem a preservar o conteúdo segmental que levaria à raiz da forma de base. Esse material pode, de fato, associar-se a uma verdadeira raiz (‘delegado’ > ‘delega’) ou não (‘sapatão’ > ‘sapa’), o que sugere ser o truncamento um processo governado pela analogia: o falante parece interpretar a construção plena como constituída de [{radical} + {sufixo}] e, retirando o suposto afixo, acrescenta a vogal -a, marca de truncamento, formando, assim, uma nova palavra, igualmente complexa do ponto de vista morfológico.

Formas truncadas podem ser caracterizadas por grande marcação em termos de estruturação silábica, diferindo, portanto, dos antropônimos hipocorizados. De fato, truncamentos podem apresentar *onsets* complexos, como em *flagra* e *salaфра*, e vários tipos de coda, como em *malcra*, *cerva* e *vestiba*. Dessa forma, restritores de sílaba têm baixa cotação na hierarquia, uma vez que são sistematicamente violados. No entanto, há uma mínima obediência à restrição ONSET, que milita pelo preenchimento do ataque, sobretudo na sílaba final, na qual aparece o morfema de

truncamento. Como a presença do ataque nessa sílaba é obrigatória, formas truncadas podem sofrer mais perda de material segmental, violando ainda mais MAX-BT. Por esse motivo, ONSET domina essa restrição de correspondência e pode barrar candidatos mais fiéis à base. No *tableau* abaixo, representa-se a seleção do *output* de ‘pindaíba’:

(20)

Base: [(pín.da).(í.ba)] Input: /TRUNC + a/	MAX-IO	TODO-PE (D)	AN-COR	TROQ	ONSET	MAX-BT	AN- σ
a. [(pín. da) (í. ba)]		*!					
b. [(pín. da) (í.a)]		*!			*	b	
c. [(pín. da)]						i b a	
d. [pin (da. í)]	*!			*	*	b a	pin
e. [pin (dáí.a)]					*!	b	pin
f. [da (í.ba)]			*!		*	p i n	da

Dos seis candidatos na disputa, quatro são eliminados pelas restrições mais altas da hierarquia: (a) e (b), as formas mais fiéis à base, deixam o primeiro pé sem alinhamento com a direita da palavra prosódica e são eliminados por TODO-PÉ; (d), além de não apresentar a vogal final -a, violando MAX-IO, não atende à restrição TROQ, já que marca como proeminente a sílaba à direita do pé; e (f) apaga a primeira sílaba da forma de base e não consegue, por isso, passar pelo crivo de ANCOR.

Apenas dois concorrentes seguem na disputa e cabe a ONSET a seleção de *pinda*, candidato (c), que apaga mais material fonológico que o rival ‘pindaíia’, forma (e), mas tem todas as suas sílabas com ataque. Como a restrição ONSET domina MAX-BT, constitui infração mais grave deixar sílabas sem ataque que apagar maior quantidade de segmentos da base.

Consideremos, no *tableau* abaixo, a avaliação de candidatos a truncamento de uma forma composta – ‘mal-criado’:

(21)

Base:[(mál)] [cri(á.do)] Input: /TRUNC + a/	MAX-IO	TODO-PE (D)	AN-COR	TROQ	ONSET	MAX- BT	AN-σ
a. [mal (crí. a)]					*!		mal
b. [(mál. cra)]						i a d o	
c. [(mál. cro)]	*!					i a d	
d. [(mál . ca)]						r i a d o !	

Pelo *tableau* acima, observa-se que o candidato mais fiel, ou seja, aquele que se preocupa em preservar o máximo de segmentos da base (a), apagando apenas a sílaba <do>, embora consiga atender aos primeiros restritores, não supera o rival mais opaco na quinta restrição de hierarquia, já que deixa um hiato no final da palavra. A restrição ONSET, portanto, o elimina da disputa. Por não apresentar a vogal final -a, (c) é o primeiro candidato fora do páreo. Novamente aqui, a decisão cabe a MAX-BT, que descarta (d), por apagar um segmento a mais que (b). É nesse momento da avaliação que ‘malcra’ emerge como truncamento de ‘mal-criado’.

Assumindo a ideia de que palavras novas são formadas de acordo com modelos que se fixaram na gramática da língua (SPENCER, 1991), pretendemos, a seguir, checar a intuição do falante quanto à aceitação ou rejeição de formas truncadas (i) já consagradas pelo uso e (ii) por nós criadas, com o propósito de ratificar o efeito das restrições. Através de um teste, solicitamos que doze informantes de ambos os sexos, diferentes faixas etárias, classes sociais distintas e variados níveis de escolarização se manifestassem quanto a possíveis candidatas a *output* de palavras que potencialmente poderiam sofrer redução.

Como a avaliação é central na OT, esse teste minimiza a atuação do analista no julgamento de formas, fornecendo uma visão mais ampla não só do papel das restrições, como também das variações ao processo. Por exemplo, foram apresentadas aos informantes possíveis formas truncadas para uma palavra como ‘sucesso’, aparentemente sem braquissemia correspondente. Dentre as candidatas, o informante – representando a função EVAL da OT – elegeu a(s) que julgou mais adequada(s) para abreviar o item lexical em questão.

O teste foi operacionalizado da seguinte maneira: (1) os informantes receberam uma lista com 15 palavras que sofreram ou são passíveis de sofrer truncamento; (2) as candidatas foram apresentadas aleatoriamente, na forma de quadro, como exemplificado a seguir; (3) os informantes assinalaram com X a melhor forma reduzida; (4) as consideradas possíveis e/ou adequadas foram destacadas com o sinal (*); (5) as estranhas – ou impossíveis – receberam o sinal (!); por fim, (6) as efetivamente conhecidas foram sinalizadas com um duplo X. Com isso, pretendíamos verificar que formas truncadas já estão consagradas pelo uso, quais são possíveis e quais são efetivamente inaceitáveis. Vejam-se, no quadro a seguir, dois exemplos do teste: um com forma sem truncamento correspondente (sucesso) e outro, com encurtamento relativamente consagrado pelo uso (pindaíba):

(22)

Sucesso	
sussé	
cesso	
sussá	
sussa	
suces	
su	

Pindaíba	
pindaí	
daíba	
pindá	
pinda	
pindaba	
pin	

- marque um X a forma que melhor abrevia a palavra;
- coloque * na(s) forma(s) que você acha possível(is);
- com !, assinale a (s) forma(s) que você acha estranha(s);
- se você já ouviu a forma abreviada, marque com XX.

Os resultados do teste podem ser sumarizados da seguinte maneira:

(a) formas sistematicamente consideradas impossíveis pelos informantes são as que se aproveitam de porções mediais da palavra-base, como, por exemplo, ‘cesso’, para ‘sucesso’ ou

‘tador’, para ‘computador’, o que justifica a importância da restrição ANCOR na hierarquia;

(b) quando a palavra-matriz é composta ou prefixada, a melhor forma de truncamento, na opinião dos informantes, é a que apresenta o radical preso ou o prefixo, como ‘tauto’ e ‘intra’, formas consideradas, em 100% das respostas, bons truncamentos para as palavras inventadas ‘tautometria’ e ‘intracapilar’;

(c) em formas sufixadas, o truncamento com -a recebeu a indicação de ideal em quase 85% das respostas, a exemplo de *celula*, para ‘celular’, *computa*, para ‘computador’, e *migra*, para ‘migração’;

(d) os resultados apontados em (b) e (c) conduzem à relevância de uma restrição morfológica, pois os falantes, quando identificam uma sequência como constituída de formas mínimas significativas, tendem a encurtar a forma de base exatamente no ponto em que termina o primeiro formativo, seja ele um radical (‘tauto-’, ‘celul-’, ‘migr-’) ou um prefixo (‘intra-’). Uma restrição atuante no fenômeno, com respaldo na literatura otimalista (KAGER, 1999; McCARTHY, 2001), é INTEGRMORF (INTEGRidade MORFológica), que pode ser definida nos seguintes termos: “garanta a informação morfológica, isto é, sequências equivalentes a morfemas são integralmente preservadas”;

(e) em palavras-base monomorfêmicas, como ‘sucesso’, ‘perfume’ e ‘vitrine’, a atribuição da melhor forma de truncamento oscilou entre formas paroxítonas com -a (‘sussa’, ‘vitra’) e formas oxítonas terminadas em vogal (‘perfu’, ‘vitri’).

6. Palavras finais

Em linhas gerais, os resultados do teste confirmam que os falantes fazem uso da decomposição morfológica para truncar palavras em português, o que, por si só, já constitui argumento contrário à ideia de que o fenômeno é assistemático ou imprevisível, como preconiza a literatura (CARONE, 2004; LAROCA, 1994). Sem dúvida alguma, é necessário formular

uma hierarquia única de restrições para dar conta dos três grupos de truncamento apresentados no texto, o que será feito em trabalho futuro. No entanto, em relação ao Tipo B, focalizado neste artigo, os resultados do teste confirmam a expectativa geral, pois (a) esse padrão é, de fato, o mais produtivo na língua, (b) as formas truncadas em -a são aquelas a que os falantes primeiramente recorrem para encurtar nomes monomorfêmicos ou derivados por sufixação e (c) a hierarquia proposta para truncamentos já consagrados pelo uso, como *sarja*, por 'sargento', e *delega*, por 'delegado', mostra-se igualmente adequada para as formas de truncamento apontadas como ideais pelos informantes que participaram do teste, já que, em todos os casos, o produto é sempre paroxítono e não apresenta menos de duas ou mais de três sílabas.

Podemos concluir, portanto, que o tipo de truncamento ora analisado constitui processo regular de formação de palavras em português e se diferencia da chamada derivação regressiva pela previsibilidade da vogal final e pela ausência das funções sintática e denominadora (BASÍLIO, 1987), já que não muda classes nem rotula novas entidades. Pelo que se expôs no texto, pode-se concluir que o tipo B de truncamento é um processo de base analógica, pois, acreditamos, uma palavra é interpretada como sendo uma construção [{base} + {sufixo}] e então o sufixo (ou uma sequência que formalmente equivalha a um sufixo) é retirado para se formar outra palavra, constituída da base acrescida da vogal -a. Em todos os casos, a forma truncada adquire conotação expressiva, o que a faz diferir da plena, quase sempre neutra do ponto de vista expressivo.

7. Referências

ALVES, I. M. *Neologismo*. São Paulo: Ática, 1990.

BASÍLIO, M. *Estruturas lexicais do português*. Petrópolis: Vozes, 1980.

BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BASÍLIO, M. *Produtividade e função nos processos de formação de palavras*. Trabalho-tema do GT de Morfologia da ALFAL. Campinas, mimeo. 1990.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

BELCHOR, A. P. V. O encurtamento de formas com a preservação do morfema à esquerda: uma análise otimalista. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 4, p. 1-15, 2006.

BELCHOR, A. P. V. *Construções de truncamento no português do Brasil: análise estrutural à luz da Teoria da Otimalidade*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – UFRJ/Faculdade de Letras, Rio de Janeiro.

BENUA, L. Identity effects in morphological truncation. In: BECKMAN, J. (Ed.). *Papers in Optimality Theory*. 18 (1), p. 77-136, 1995.

CARONE, F. de B. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 2004.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1974.

FERREIRA, A. B. H. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

FROTA, M. P. *A expressão do pejorativo em construções morfológicas*. 1985. Dissertação (Mestrado em Linguística) – PUC-Rio/Departamento de Letras, Rio de Janeiro.

GAMARSKY, L. *A derivação regressiva: um estudo da produtividade lexical em português*. 1984. Tese (Doutorado em Linguística) – UFRJ/Faculdade de Letras, Rio de Janeiro.

GONÇALVES, C. A. V. Processos morfológicos não-concatenativos: formato prosódico e latitude funcional. *Alfa* (ILCSE/UNESP), Araraquara, v. 48, n. 2, p. 30-66, 2004.

GONÇALVES, C. A. V. *Focalização no português do Brasil*. 1997. Tese (Doutorado em Linguística) – UFRJ/Faculdade de Letras, Rio de Janeiro.

GONÇALVES, C. A. V. *Processos de redução vocabular em português: tipos de funções*. Comunicação apresentada na XVII Jornada de Estudos Linguísticos. Recife: UFPE, mimeo. 1999(a).

GONÇALVES, C. A. V. *Enfoques não-lineares sobre a interface Morfologia-Fonologia*. Comunicação apresentada no IX Congresso da Assel-Rio. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, mimeo. 1999(b).

GONÇALVES, C. A. V.; VAZQUEZ, R. P. Fla X Flu no Maraca: uma análise otimalista do truncamento no português do Brasil. In: SILVA, J. P. da. (Org.). *Questões de morfossintaxe*. Volume 8. Rio de Janeiro: CiFeFil, 2004, p. 56-64.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 2003.

KASTOVSKY, P. The problem of productivity in word formation. *Linguistics*, n. 24 v.1, p. 585-600, 1986.

LAROCA, M. N. C. *Manual de morfologia do português*. Campinas: Pontes, 1994.

LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

LOURES, L. H. S. R. *Análise contrastiva de recursos morfológicos com função expressiva em português e francês*. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) – UFRJ/Faculdade de Letras, Rio de Janeiro.

McCARTHY, J. *Thematic Guide to Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

McCARTHY, J. A prosodic theory of nonconcatenative morphology. *Linguistic Inquiry*, n.12, v.3, p.373-417, 1986.

McCARTHY, J.; PRINCE, A. Generalized Alignment. In: BOOIJ, G. E.; MARLE, J. (Eds.). *Yearbook of Morphology*. Dordrecht: Kluwer, 1993.

McCARTHY, J.; PRINCE, A. *Prosodic Morphology: constraint interaction and satisfaction*. Amherst: University of Massachusetts, 1995.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*. Campinas: Pontes, 1987.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

NIDA, E. *Morphology: the descriptive analysis of words*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1949.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: constraint interaction in Generative Grammar*. New Brunswick: University of Rutgers, 1993.

ROCHA, L. C. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

SANDMANN, A. J. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1990.

SANTOS, J. B. A. dos. *Morfopragmática das formações truncadas no português do Brasil*. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – UFRJ/Faculdade de Letras, Rio de Janeiro.

SELKIRK, E. *Phonology and Syntax: the relations between sound and structure*. Cambridge: The MIT Press, 1984.

SPENCER, A. *Morphological Theory*. Cambridge: Basil Blackwell, 1991.

THAMI DA SILVA, H. *Uma abordagem otimalista da ipocorização com padrão de cópia à esquerda*. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – UFRJ/Faculdade de Letras, Rio de Janeiro.